



UMA INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA ANTIGUIDADE GREGA: DO ENSINO DE CULTURA AO ENSINO DE LÍNGUA E LITERATURA

AN INTRODUCTION TO THE STUDY OF GREEK ANTIQUITY: FROM THE TEACHING OF CULTURE TO THE TEACHING OF LANGUAGE AND LITERATURE

Rafael Guimarães Tavares da Silva*

* gtsilva.rafa@gmail.com
Doutorando em Letras: Estudos Literários pela UFMG.

RESUMO: O presente texto busca defender a importância do estudo de diferentes aspectos da Antiguidade grega a partir de uma introdução a aspectos básicos desse campo: do ensino de cultura ao ensino de língua e literatura, o diálogo de diferentes momentos de nossa história com esse povo da Antiguidade revela-se profundamente transformador. Com o objetivo de despertar essa tomada de consciência para a importância desse campo de estudos, pretendo abordar aqui três grandes tópicos: (a) aspectos essenciais da cultura grega antiga; (b) elementos básicos da morfossintaxe do grego antigo; (c) a formação dos gêneros literários na Grécia Antiga e suas principais características.

PALAVRAS-CHAVE: Estudos Clássicos; Tradição Clássica; Grego Antigo; Educação.

ABSTRACT: The present text seeks to defend the importance of studying different aspects of Greek Antiquity, suggesting an introduction to basic aspects of this field: from the teaching of culture to the teaching of language and literature, the dialogue between different moments of our history with this people of Antiquity reveal itself as profoundly transformative. With the objective of awakening this conscience to the importance of such field of study, I intend to deal with three different topics here: (a) essential aspects of the Ancient Greek culture; (b) basic elements of Ancient Greek morphosyntax; (c) the formation of the literary genres in Ancient Greece and its main characteristics.

KEYWORDS: Classical Studies; Classical Tradition; Ancient Greek; Education.

1. Agradeço aos pareceres da revista *Em Tese*, que muito contribuíram para a melhoria do presente texto. Levando em conta seus questionamentos, alterei o título inicialmente adotado, a fim de deixar claro o caráter introdutório da proposta, voltada antes para a apresentação de alguns aspectos básicos do estudo da Antiguidade grega para o público em geral do que para uma problematização histórica da pertinência dessa área de estudos. A partir de alguns dos comentários mais críticos de um dos pareceres, ficou evidente a necessidade de um futuro estudo de fôlego para tentar responder à difícil pergunta: por que estudar a Antiguidade grega hoje?

2. Para uma boa referência aos autores envolvidos nesse debate, cf. ADLER, 2016.

Introdução¹

As Clássicas desfrutaram de uma inegável – ainda que conturbada – posição de destaque na história da educação, sobretudo em sua vertente ocidental. Florescendo nos momentos de maior efervescência intelectual dessa história, o estudo de aspectos fundamentais dessa cultura – como sua língua, sua produção em poesia e em prosa, além de sua arte – sempre se mostrou um bem-sucedido catalizador de grandes revoluções do pensamento: seja com o Renascimento Italiano, com o Neoclassicismo Francês ou com o Primeiro Romantismo Alemão, os principais momentos de inventividade da história da cultura ocidental se deram a partir de um diálogo profundo com a tradição clássica. Ainda que transformações no sistema pedagógico de muitas das instituições de ensino em nível médio e superior atualmente queiram recalcar essa história, alegando a necessidade de se adotarem “medidas modernizadoras” que enxuguem o currículo e o resumam a um ensino técnico e profissionalizante – fatos que evidenciam a motivação neoliberal e mercadológica por trás de tais medidas –,² o atual quadro de crise nos estudos clássicos pode ser revertido a partir de um esforço conjunto articulado entre classicistas (tanto professores quanto alunos) e sociedade. Para isso, o primeiro passo é tomar consciência do interesse que pode

existir nas Clássicas ainda hoje, do ensino de cultura ao ensino de língua e literatura.

Com esse fim, pretendo abordar aqui, de maneira introdutória, três grandes tópicos: (a) aspectos essenciais da cultura grega antiga; (b) elementos básicos da morfossintaxe do grego antigo; (c) a formação dos gêneros literários na Grécia Antiga e suas principais características. No fim da exposição, pretendo sugerir de que modo é possível colocar essa tomada de consciência a serviço de uma defesa em prol de uma maior participação das Clássicas na educação, com o objetivo de tornar nossos currículos mais abrangentes, transdisciplinares e instigantes.

Aspectos essenciais da cultura grega antiga

Quando se fala em cultura “grega antiga”, poderíamos ser levados a acreditar que temos claras definições tanto espaciais (Grécia) quanto temporais (Antiguidade), com relação às quais poderíamos abordar os pontos específicos de uma dada cultura. Contudo, a expressão é usada para fazer referência a povos que habitaram regiões tão afastadas e diversas quanto o Peloponeso, a Ática, a Beócia, a Tessália, as ilhas Cíclades, Creta, a Jônia e a Magna Grécia, com povoações desde o extremo oriente do Mar Negro, com Sínope, até o oeste da bacia do mar Mediterrâneo, com

Massália (atual Marselha, na França) e Empório (atual cidade de Ampúrias, na Espanha). Da mesma forma, a amplitude temporal abrangida pela noção de “Antiguidade” aplicada aos gregos é vastíssima, pois seria possível afirmar haver uma linha de continuidade que se estende pelo menos do período micênico (isto é, de meados do II milênio a.C.) até a formação do Império Romano do Oriente (séc. IV a.C.), ou, no limite até a tomada de Constantinopla (séc. XV d.C.), passando pela chamada “idade das trevas” (1100-750 a.C.), pelo período arcaico (750-500 a.C.), clássico (500-323 a.C.), helenístico (323-31 a.C.), greco-romano (31 a.C.-330 d.C.) até a fundação de Constantinopla e o estabelecimento do Império Romano do Oriente (330-1453 d.C.). Ou seja, quase três mil anos de história transcorridos ao longo de uma área de pelo menos três milhões de quilômetros quadrados – isso sem contar a vasta região das *póleis* fundadas por Alexandre, o Grande, em suas campanhas no oriente – são abrangidos pela aparentemente sucinta expressão “gregos antigos”.³

Diante desses dados, talvez pudéssemos ficar tentados a afirmar ser impossível empregar a expressão “cultura grega antiga” para se referir de modo preciso a algo específico, que dirá a seus possíveis “aspectos essenciais”. Contudo, em que pese a vasta extensão espaço-temporal coberta por essa noção, acredito ser possível sim definir uma série de balizas culturais relativamente compartilhadas pelas pessoas que

nesse lugar, ao longo desse período, se compreendiam como gregas, ou melhor dizendo, como helênicas (posto que a palavra “grego” deriva do termo latino “*graecus*”, empregado pelos romanos para se referir aos povos helênicos).

Essa relativa unidade cultural é abertamente reconhecida por Heródoto, o célebre historiador do séc. V a.C., ao colocar no discurso dos atenienses que lutaram contra os persas a ideia de que eles e os espartanos seriam aliados naturais, na medida em que compartilhariam o elemento helênico [*tò Hellēnikòn*], isto é, seriam de mesmo sangue [*hómainón*], falando a mesma língua [*homóglōsson*], tendo os mesmos deuses e os mesmos templos [*theôn hidrýmatá te koinà*], com a oferta dos mesmos sacrifícios [*thusíai*] e o cumprimento dos mesmos usos e costumes [*étheá te homótropa*] (Hdt. 8.144.2). Algo similar pode ser depreendido a partir da visão negativa que Catão, o Velho – um romano conservador e patriótico –, apresenta sobre toda a cultura e educação helênicas [*pâsan Hellēnikèn moûsan kai paideían*], tal como conta, no séc. II d.C., Plutarco (*Cat. Ma.* 23). Ou seja, durante diferentes períodos da Antiguidade, havia algo que era reconhecidamente compartilhado por certas pessoas e que as levava a se entenderem como parte de um mesmo todo: relações familiares, linguísticas, religiosas e culturais. Ainda que a ascensão do cristianismo tenha estabelecido um novo paradigma de pensamento que vigorou do séc. IV d.C. em

3. Tal abrangência e diversidade podem ser constatadas, por exemplo, a partir de uma breve consulta ao sumário de um compêndio sobre a língua grega antiga, como: BAKKER, 2010.

4. Sobre a “negociação teórica” dos primeiros cristãos com o legado mitológico dos gregos antigos, cf. BRANDÃO, 2014. Acerca da sobrevivência de estruturas antigas para além do período de cristianização do Império Romano, cf. BROWN, 1971.

5. Um dos pareceres da revista *Em Tese* sugeriu que seria possível falar aqui de uma vontade de filiação a uma tradição – no sentido que Kenneth White trabalha a partir da noção de “geopoética” –, valendo a pena atentar para possíveis abusos no emprego a posteriori da definição de “helênico”, sobretudo do período helenístico em diante. Não acredito, contudo, que isso invalide o ponto, mas antes o reforce (pelo menos para o que será a história do filo-helenismo no Ocidente).

diante (fato que talvez nos inclinasse a excluir o Império Romano Oriental daquilo que aqui se entende por “cultura grega antiga” e nos levasse a considerá-lo “pós-antigo” ou “pré-medieval”), o fato é que muitos desses elementos culturais tiveram uma longa sobrevivência para além (e por meio) do próprio cristianismo também no Império Bizantino.⁴

Justificada assim a possibilidade de falarmos de uma “cultura grega antiga”,⁵ cumpre agora destacar alguns de seus “aspectos essenciais”. Aqui seria possível dar diferentes enfoques à questão a depender daquilo que se pretende privilegiar como a mais importante contribuição da Antiguidade grega para a história de nosso pensamento: para os humanistas do Renascimento Italiano, como Aldo Manúcio (1975), a Grécia Antiga seria a origem do pensamento racional, expoente da filosofia, da poesia, das matemáticas, da medicina e do direito; já para um neoclassicista como Winckelmann (2009) ou um primeiro-romântico como August Schlegel (2014), da mais concreta das artes – qual seja, a arquitetura –, passando por escultura, pintura, dança e música, até chegar aos principais gêneros de poesia e prosa, os gregos teriam sido os responsáveis por definir, a partir de um mesmo material mitológico e histórico, os fundamentos das grandes áreas de expressão humana artística; finalmente, para um Nietzsche (2008),

o elemento fundamental dessa cultura seria sua visão trágica de mundo, sua compreensão de um enfrentamento agônico sem redenção, na chave de um pessimismo tão violento quanto libertador. Todas essas sugestões são muito instigantes – fazendo parte, na verdade, de projetos muito mais complexos do que essas poucas palavras deixam entrever –, mas constituem diferentes tentativas de definição dos aspectos essenciais da cultura grega antiga, cujas influências se verificam nas concepções de muitos autores contemporâneos.⁶

Em minha opinião, tal como sugerem os termos empregados por Plutarco no trecho citado acima, o aspecto essencial daquilo que os gregos antigos têm a oferecer ainda hoje é sua cultura [*moûsa*] e sua educação [*paideía*]. Não é à toa que um projeto ambicioso como o de Werner Jaeger (2010), de meados do séc. XX, tenha recebido por título e fio condutor justamente essa noção de *paideía*.⁷ Os gregos compartilham sim uma série de valores transmitidos por meio de uma formação comum e inúmeros estudiosos modernos – dentre os quais o próprio Jaeger – têm demonstrado que a poesia cumpria aí um papel fundamental, principalmente a poesia de Homero e Hesíodo. Sugere isso, mais uma vez, Heródoto (2.53), ao afirmar que esses poetas teriam sido os primeiros dentre os helênicos a escrever em versos uma teogonia, estabelecendo os nomes dos deuses, suas honras e

6. Nas “culture wars” e nos debates suscitados pela polêmica, esses temas foram retomados frequentemente, na linha do que sugere o estudo já mencionado de Adler.

7. Para uma exposição sobre o contexto e as motivações do trabalho de Jaeger na Alemanha, entre a República de Weimar e a ascensão do regime nazista, cf. HÜBSCHER, 2016.

funções, bem como assinalando suas formas. Assim sendo, um breve retorno às obras de Homero e Hesíodo pode ser particularmente sugestivo para quem queira delinear os fundamentos da cultura grega.

Um primeiro ponto que cumpre destacar é a dimensão oral desses poemas, entoados em performances improvisadas em que os rapsodos recorriam a um repertório comum de fórmulas, epítetos e cenas típicas, a fim de narrar em versos hexamétricos um determinado episódio da vasta matriz mitológica compartilhada por esses povos.⁸ Modelando sua performance a partir desse material básico – que desfrutava de considerável prestígio entre seu público –, essa longa tradição oral incutia e destilava pouco a pouco uma série de valores fundamentais para a cultura helênica, dos quais cumpre destacar a excelência pessoal [*aretê*] e a honra [*timê*], ambas auferidas a partir de marcadores externos (dado que, como sugerido por alguns estudiosos, os gregos antigos não compartilhavam de nossa cultura da culpa – internalizada em foro íntimo –, mas sim de uma cultura da vergonha – exposta publicamente).⁹ Na *Iliada*, testemunhamos as violentas demonstrações de excelência guerreira nas performances de heróis como Diomedes, Héctor, Pátroclo e Aquiles. Já na *Odisseia*, acompanhamos as engenhosas soluções e a admirável resistência de Odisseu para sobrepujar os mais extremos desafios. E são

de Hesíodo os seguintes versos (na tradução de Christian Werner):

A ti eu direi o que penso de bom, mui tolo Perses;
Miséria é possível, aos montes agarrar
facilmente: é plano o caminho, e mora bem perto.
Mas diante de Excelência suor puseram os deuses
imortais: longa e íngreme é a via até ela,
e áspera no início; e quando se chega ao topo,
fácil depois ela é, embora sendo difícil.
Este o melhor de todos, quem por si tudo apreender
ao refletir no que será melhor, depois e no fim.
(Trabalhos e dias 286-294).

Ainda que fosse necessário propor uma série de nuances importantes na forma como os poemas homéricos e os hesiódicos pregam essa busca pela excelência pessoal, sendo de se destacar sobretudo a dimensão aristocrática que tal excelência tem em Homero, com a predominância de uma atmosfera guerreira, enquanto em Hesíodo há uma espécie de ética do trabalho rural mais própria às relações civis entre os proprietários de terra, em tempos de paz (SVENBRO, 1976), permanece o ponto de que ambos sugerem o esforço como via incontornável para a aquisição da virtude. Isso não altera em nada o fato de que nessas obras subjaz o pressuposto de que a vida humana é sempre regulada pelo

8. Os estudos de Milman Parry (1971), desenvolvidos posteriormente por Albert Lord (1971), revolucionaram os estudos homéricos – bem como tudo o que diz respeito à poesia hexamétrica arcaica de modo geral –, a partir da forma como a teoria oralista veio a ser proposta e defendida. Para considerações sobre os símiles e as cenas típicas, as referências básicas continuam sendo, respectivamente, os estudos de Hermann Fränkel (1921) e Walter Arend (1933).

9. Para uma exposição da forma como tal distinção pode operar culturalmente, Dodds (1951) apresenta interessantes estudos de caso em seu livro.

elemento divino, não havendo sucesso em empreitada alguma sem a participação dos deuses.

Profundamente reverentes a seu panteão politeísta, no qual atuam pelo menos doze deuses maiores (isso para não mencionar um sem-número de entidades menores), os gregos aprendem com Homero e Hesíodo os fundamentos de sua religião: dos mitos aos ritos, passando pelas preces, sacrifícios e templos a serem dedicados a cada divindade. Evidentemente, recebem também deles as balizas para sua noção de justiça [*dikē*], donde a noção tradicional de teodiceia que se encontra em muitas obras da Antiguidade grega. É isso que demonstra o narrador homérico, por exemplo, nas cenas de *aristeía* – isto é, nas cenas em que os diferentes heróis demonstram excelência guerreira –, onde o apoio de deuses como Atena, Zeus e Apolo se revela imprescindível. Essa mesma dimensão de reverência perante o divino é demonstrada ainda, mais uma vez, por Hesíodo, num trecho em que ele propõe um verdadeiro catálogo das atitudes esperadas de um grego reverente perante os valores tradicionais:

Bens não são para se tomar; dado por deus é melhor:
se um à força, no braço, grande fortuna adquire
ou pilha por meio da língua, o que amiúde
ocorre quando lucro engana o espírito

dos homens, e Pouca-Vergonha expulsa Vergonha,
fácil debilitam-no os deuses, degradam a fazenda
do varão, e pouco tempo fortuna o acompanha.
Age igual quem prejudica suplicante ou estranho,
quem sobe no leito do próprio irmão
às enconsas para sexo com a esposa, ação imprópria,
quem, insensato, ofende os filhos órfãos de outrem,
quem com o genitor idoso no vil umbral da velhice
briga, abordando com palavras duras:
quanto a ele, o próprio Zeus se irrita, e no fim,
pelas ações injustas, impõe dura compensação.
(Trabalhos e dias 320-334, trad. Christian Werner).

Como se vê, excelência pessoal e participação da divindade implicam-se mutuamente. Para que um grego antigo, atuando em conformidade com tais crenças, tivesse sucesso em alguma empreitada, não bastava que ele se esforçasse, mas era necessário também que se mostrasse reverente e piedoso para com os deuses, a fim de que eles aprovassem seu sucesso e lhe oferecessem os meios para alcançá-lo.

Dentre as condutas esperadas por alguém assim, tal como sugerido por um dos versos de Hesíodo citados acima, encontra-se o respeito para com suplicantes, hóspedes e estrangeiros. Trata-se da *xenía*, ou seja, da hospitalidade, um dos valores basilares da cultura grega e que – além de

orientar o encontro de Glauco com Diomedes no canto VI da *Iliada*, por exemplo – é um dos temas principais da *Odisseia*, essa epopeia em torno de um viajante que muito vagueou, tendo conhecido as cidades de vários povos e as mentes de vários homens. Toda a segunda parte dessa epopeia, com a narração dos inúmeros abusos praticados pelos pretendentes de Penélope no palácio de Odisseu, poderia ser vista como uma longa representação de como um homem decente jamais deve se portar com relação a seu anfitrião. O fim sangrento que aguarda esses oportunistas é a prova maior do sentimento de reverência que um poema como a *Odisseia* pode querer inspirar em seu público.

Outro aspecto essencial da cultura grega antiga – para o qual muitos autores modernos chamam atenção, dentre os quais Hannah Arendt (1998) – é a importância dada tanto à capacidade de agir quanto à de se expressar. Ação e palavra são duas dimensões fundamentais e complementares para um grego antigo. Na *Iliada*, por exemplo, Fênix se gaba de ter ensinado tudo a Aquiles, isto é, “como ser orador de discursos e fazedor de façanhas [*mýthōn te rhētēr’ émenai prēktērā te érgōn*]” (Il. 9.443, trad. Frederico Lourenço). Tal é também a base da alusão que Atena faz ao caráter ardiloso de Odisseu, versado em “dolos e discursos enganosos [*apatāōn mýthōn te klopiōn*]” (Od. 13.294-295, trad. Frederico Lourenço).

Em suas ações e discursos, os respectivos heróis de cada uma dessas epopeias apresentam os paradigmas de caráter [*ēthos*] a serem seguidos pelas próximas gerações de gregos antigos educados por essa tradição poética. Aquiles como exemplo de coragem, bravura, sinceridade e força, características típicas de um guerreiro da terra (como serão os hoplitas que lutarão nas falanges gregas). Odisseu, por outro lado, modelo de astúcia, prudência, dissimulação e resistência, qualidades necessárias a todo navegador (como serão os marinheiros que se engajarão nas frotas gregas). Esses paradigmas informarão a cultura grega antiga a tal ponto que seria possível interpretar como desdobramentos deles não apenas a oposição entre duas figuras emblemáticas da resistência grega à invasão persa, quais sejam, Leônidas e Temístocles (conforme a representação que Heródoto faz deles nas Batalhas de Termópilas e de Salamina, respectivamente), mas a própria oposição que viria a se consolidar, durante a Guerra do Peloponeso, entre Esparta e Atenas.¹⁰

Para que não se imagine que exagero o impacto da herança legada por Homero (e Hesíodo) à cultura grega de modo geral, é possível citar aqui o que se encontra em jogo numa tragédia do final do séc. V a.C., como o *Filoctetes* de Sófocles, na qual o jovem Neoptólemo se vê dividido entre seguir o paradigma do guerreiro honrado (representado na peça pelo

10. Tal como sugerido por um dos pareceres da revista *Em Tese*, convém pensar que esses pares de opostos se convertem em verdadeiros tópoi retóricos, sendo passíveis de serem compreendidos não apenas da perspectiva de sua produtividade de categorias histórico-sociais, mas também dos lugares-comuns a partir dos quais se torna possível compreender determinados fenômenos históricos dessa sociedade.

próprio Filoctetes) ou o modelo do negociador astucioso (tal como, mais uma vez, vem a ser encarnado por Odisseu). Trata-se, portanto, de comportamentos alternativos e complementares que fazem parte do repertório ético dos gregos antigos e de sua formação guerreira (VIDAL-NAQUET, 1968; 1989), à qual as reflexões de Hesíodo cumprem uma inegável função complementar. O mesmo tipo de oposição é um dos pressupostos imediatos a partir dos quais os modelos pedagógicos que representam Aquiles na *Iliada* e Odisseu na *Odisseia* são trabalhados também por Platão, por exemplo, em seu diálogo socrático *Hípias Menor*.

Em todo caso, acredito ter demonstrado existir um fundo axiológico comum a esses marcos da *paideía* grega que são Homero e Hesíodo. Excelência [*aretê*], honra [*timê*], piedade [*eusébeia*], justiça [*dikê*], hospitalidade [*xenia*], além de disposição para a palavra e para a ação – como meios para agir como Aquiles, com coragem [*andreía*], ou como Odisseu, com astúcia [*mêtis*] –, constituem a base arcaica responsável por formar os valores que orientarão grande parte da cultura grega antiga, em suas transformações e transvalorações ao longo das mudanças no tempo e no espaço.

Os estudiosos sugerem que a sociedade representada nos poemas homéricos e, em menor medida, nos hesiódicos teria características que remontariam à civilização micênica (II milênio a.C.): isto é, a representação de uma camada social

aristocrática e guerreira, com o uso de cavalos e carros em combate, desfrutando de uma vida palaciana enriquecida por uma rede de conexões comerciais entre as várias civilizações mediterrânicas (FINLEY, 1979; VERNANT, 2002). Por outro lado, certas características da sociedade que só viria a emergir ao fim da idade das trevas (1100-750 a.C.) oferecem aí também seus primeiros vislumbres: assembleias públicas de discussão entre homens considerados iguais, além de agrupamentos de guerreiros organizados em linhas que evocam as falanges hoplíticas.

Tal como sugerido por *As origens do pensamento grego*, um livro importante de Jean-Pierre Vernant (2002, p. 53-72), as principais instituições políticas dos gregos antigos surgem a partir da crise da soberania micênica e da ascensão de uma forma de organização social mais flexível e que atende pelo nome de *pólis* [cidade]. Entre os séculos VIII e VII a.C., o advento da *pólis* marca uma verdadeira revolução, da qual é preciso destacar os seguintes pontos:

- i) uma gradual preeminência da palavra sobre os demais instrumentos de poder social (com o surgimento e estabelecimento de vários gêneros discursivos novos, dos quais tratarei adiante);
- ii) um aumento do cunho de publicidade dado às principais manifestações da vida social (com a redação e a publicização

das leis, a diminuição dos localismos e uma conquista gradual de maior participação política e religiosa por parte do povo);

iii) a formação de um grupo de homens que – seja por sua origem, classe ou função – aparecem como “semelhantes” uns aos outros (sendo que a reforma hoplítica deve ser apontada como um dos fatores que levou ao desenvolvimento gradual de uma concepção geral de cidadão [*polítēs*]).

Em termos políticos, essa é a base a partir da qual se desenvolvem os aspectos essenciais posteriores da cultura grega antiga, sobretudo na manifestação que eles encontram durante o período clássico (500-323 a.C.), com o desenvolvimento de grandes obras arquitetônicas e artísticas, importantes gêneros poéticos (como tragédia e comédia), novas modalidades discursivas epistemológicas (como historiografia, retórica e filosofia), além de inovações nas técnicas de combate. Seja na democracia ateniense, com seu império marítimo, seja na diarquia constitucional espartana, com seu estado militarizado, o advento da *pólis* é responsável por destacar os gregos de todas as demais civilizações antigas, a partir de uma experiência social que marcaria para sempre a história do pensamento político (ARENDDT, 1998, p. 26).

Obviamente é preciso estar atento para duas ressalvas necessárias ao entusiasmo com que se tende a analisar algo como “aspectos essenciais da cultura grega antiga”, ainda mais numa proposição introdutória como esta aqui. A primeira delas diz respeito ao fato de que o experimento social inaugurado pelos gregos com o desenvolvimento da *pólis* e o surgimento de uma palavra pública entre iguais foi fundamentalmente limitado por todas as exclusões que o conceito restrito de cidadão implicava, ao alijar mulheres, escravos e estrangeiros da esfera política. Ou seja, é preciso cuidado para se evitar uma idealização dessa cultura, embora – mesmo considerando-se tais limitações da cidadania grega antiga – homens de estratos sociais muito mais diversos eram considerados cidadãos na democracia ateniense, por exemplo, do que na maior parte das democracias ocidentais em sua história moderna, onde o voto censitário foi frequente.¹¹ Uma segunda ressalva é a de que, embora certas noções modernas pareçam ter seus fundamentos teóricos entre os gregos antigos, como a ideia de “democracia” [*dēmokratía*], “liberdade” [*eleuthería*] e “igualdade” [*isonomía*], é preciso cuidado para que não se confundam as instituições sociopolíticas da Antiguidade com aquelas que emergem na Modernidade: há uma diferença imensa entre a democracia direta dos atenienses e a democracia representativa que conhecemos no Brasil, por exemplo.¹²

11. Um dos pareceres da revista *Em Tese* alerta-me para o risco da formulação, dizendo que “a liberação do mundo imediato do trabalho braçal e a experiência democrática direta ateniense são indissociáveis” e que “a escravidão aqui é condição central e não se deixa relativizar por uma suposta participação mais variada do que a maior parte das democracias modernas”. A escravidão foi uma terrível dimensão da experiência de democracia direta entre os gregos antigos sim. Não creio, contudo, que ela seja necessariamente condição central de toda forma de democracia direta. Para uma discussão sobre possibilidades de participação democrática direta hoje (sem, obviamente, pressupor qualquer forma de trabalho escravo), cf. DABDAB TRABULSI, 2016, p. 17; p. 23-27.

12. Para uma discussão sobre essas ressalvas ao papel paradigmático que a cultura grega antiga teve e pode ter ainda hoje, cf. HARTOG, 2003; DABDAB TRABULSI, 2016

Independentemente disso, é inegável que esses aspectos essenciais da cultura grega antiga apresentam um legado riquíssimo para a história do pensamento, pois – como indicam os estudos de recepção clássica – muitas são as instâncias em que constatamos a força e o vigor da permanência antiga em nossa cultura, mesmo contemporaneamente. Seus valores, suas instituições sociopolíticas, sua história (isso para não falar de sua mitologia e sua arte), têm uma importância fundamental na determinação de quem somos, bem como do que estabelecemos sobre quem fomos e sobre quem queremos ser. Alternativamente, conhecer essa cultura dá ainda subsídios também a que reflitamos sobre o que não somos e sobre o que não queremos ser (DuBOIS, 2001). É nesse sentido que o estudo desse legado pode ser ainda determinante para alguns de nossos valores e instituições no presente, na linha do que tem sido defendido por pensadores tal diversos quanto Werner Jaeger, Hannah Arendt e, entre nós, José Antonio Dabdab Trabulsi. Por isso, passemos agora a uma breve análise das características linguísticas do grego antigo que podem justificar seu estudo ainda hoje.

Elementos básicos da morfossintaxe da língua grega antiga¹³

O grego antigo faz parte de uma família de línguas que, segundo a hipótese indo-europeia, remonta a uma língua original comum (o protoindo-europeu), a partir da

qual ele teria se desenvolvido, diferenciando-se de outras dessa família como o sânscrito, o latim e o germânico, por exemplo. Desde os mais antigos estágios da história do grego, diferentes dialetos parecem ter coexistido, ainda que um sistema linguístico básico tenha sido compartilhado por todos eles, garantindo a existência de uma mesma língua. Para propósitos didáticos, distingue-se tradicionalmente entre os seguintes dialetos: eólico, dórico e jônico (do qual o ático vem a se diferenciar e ganhar uma relativa autonomia a partir do período clássico). Essas divisões alinham-se a agrupamentos étnicos, tal como concebidos pelos próprios gregos antigos, conforme suas histórias e mitos etiológicos, embora impliquem em diferenças linguísticas efetivas, inclusive da perspectiva de sua distribuição geográfica.

Os constituintes da oração em grego antigo são os seguintes: substantivos, adjetivos, pronomes, artigos, verbos, advérbios, preposições, conjunções e partículas. A fim de marcar a relação sintática de alguns desses constituintes com outros no interior de uma dada oração, empregam-se certas flexões: a declinação é o sistema flexional de substantivos, adjetivos (incluindo participios verbais), pronomes e artigos; enquanto a conjugação é o sistema flexional de verbos. A flexão se dá por meio da adição de certas terminações aos radicais das palavras, a partir das quais sua ideia básica vem a receber certas determinações sintáticas e semânticas

13. Para as informações da presente seção, o material básico de consulta consistiu: nas gramáticas de Smyth (1984) e de Ragon (2007), bem como nos livros *Helleniká* (BRANDÃO; SARAIVA; LAGE, 2009) e *La lingua geniale* (MARCOLONGO, 2016).

O grego antigo vale-se de um sistema de declinações que marca variações de número, gênero e caso – tal como outras línguas indo-europeias, como o latim e o alemão. Existem três números em grego antigo: singular, plural e dual. Singular e plural, como em português, marcam respectivamente a unidade e a pluralidade. O dual, por outro lado, indica a existência de um par, ou seja, de dois objetos ou sujeitos, sendo usado, por exemplo, para partes do corpo, como “os olhos [*tò ophthalmô*]”. Os gêneros em grego antigo também são três: masculino, feminino e neutro. Embora a categoria possa ter sido usada a princípio mais estritamente para marcar distinções de sexo (entre masculino e feminino), muitos objetos inanimados passaram a ser considerados arbitrariamente pertencentes a um desses gêneros, de modo que convém antes falar do gênero como uma categoria gramatical: determinado morfologicamente, ele exerce ainda um papel sintático, na concordância nominal.

Ainda como outras línguas indo-europeias, o grego antigo conta com uma categoria gramatical de caso sintático com marcas morfológicas. Por meio desse sistema, os substantivos, adjetivos, pronomes e artigos da frase recebem determinadas marcações que definem a função sintática desempenhada por eles no interior da oração. Para a marcação do sujeito, normalmente emprega-se o caso nominativo. Para indicar o objeto direto, ou seja, o complemento da ação expressa

pelo verbo, utiliza-se o caso acusativo. Para destacar um sintagma numa relação adjuntiva adnominal, o mais das vezes sugerindo posse, origem ou matéria de composição, recorre-se ao caso genitivo (sua ideia básica podendo ser frequentemente traduzida em português através da preposição “de”). Para indicar o objeto indireto, ou seja, o beneficiário da ação expressa pelo verbo, emprega-se o caso dativo. Finalmente, tem-se ainda o caso vocativo, usado para marcar o chamamento, a invocação.

Como são cinco os casos, cujo sistema de declinação compreende o mais das vezes o singular, o dual e o plural, cada substantivo e pronome em grego antigo pode chegar a mais de dez formas diferentes (com algumas formas eventualmente similares). No caso dos adjetivos, essa quantidade tende a ser ainda maior, pois grande parte deles tem três formas diferentes: uma para o masculino, uma para o feminino e outra para o neutro (embora existam adjetivos em que masculino e feminino compartilham as mesmas desinências).

Três são as declinações segundo as quais os substantivos recebem desinências com especificações de caso e número: a primeira declinação, relativa a palavras cuja vogal temática é o alfa (α) ou o eta (η), dentre as quais a maioria é feminina, com algumas ocorrências do gênero masculino e nenhuma

do neutro; a segunda declinação, relativa a palavras cuja vogal temática é o ómicron (ο), dentre as quais a maioria é masculina e neutra, sendo que as ocasionais palavras femininas se declinam como as masculinas; finalmente, a terceira declinação, relativa a palavras atemáticas, podendo abarcar os três gêneros segundo modelos mais complexos e irregulares de declinação que variam conforme a consoante com que o radical da palavra termina.

Os constituintes invariáveis da oração em grego antigo são quatro: advérbios, preposições, conjunções e partículas. Os advérbios são usados para dar certas nuances de sentido a verbos, adjetivos, outros advérbios e (raramente) substantivos, podendo trazer especificações de lugar, tempo, grau, maneira etc. As preposições definem as relações de uma noção substantiva com o predicado, exigindo por isso que os substantivos sob sua regência se declinem em certos casos para transmitir certas ideias. Acredita-se que as preposições teriam sido originalmente advérbios, sobretudo de lugar (SMYTH, 1984, p. 365), mas também de tempo, causa, agente, meio e maneira. Já as conjunções definem as relações entre orações, estabelecendo diferentes formas de coordenação ou subordinação (a depender da conjunção empregada), bem como diferentes modos verbais na oração subordinada. Finalmente, as partículas – constituintes do grego antigo que não existem em português – são elementos

de coesão textual, responsáveis seja por marcar as relações entre os diversos enunciados (afetando o sentido geral da sentença), seja por dar ênfase a determinadas palavras. Dúvida, certeza, negação, afirmação e delimitação são algumas das nuances que as partículas podem exprimir, sendo necessário ter muita atenção com esses pequenos elementos da oração a fim de se captar o sentido específico de algumas de suas construções sintáticas.

O último dos constituintes da língua grega que ainda nos falta abordar é o verbo. Complexo, cada verbo em grego antigo pode apresentar mais de 350 formas e cada uma dessas formas expressa informações como: voz, aspecto, tempo, modo, número e pessoa. Existem três vozes no sistema verbal grego: ativa, média e passiva. A diferença entre as vozes ativa e passiva é a mesma que há entre elas em português, ou seja, na voz ativa, o sujeito é o agente da ação expressa pelo verbo, enquanto, na voz passiva, ele sofre a ação, realizada pelo agente da passiva. Já a voz média distingue-se da voz ativa no sentido de que sublinha o interesse do sujeito na própria ação. Ou seja, a voz média é empregada para destacar o sujeito da ação em detrimento de seu objeto (ao contrário do que acontece na maior parte dos casos na voz ativa). Embora essa noção raramente consiga ser bem traduzida em português, é importante notá-la pois muito do interesse oferecido pelo aprendizado

de uma língua estrangeira encontra-se justamente nessas dimensões intraduzíveis.

Os verbos em grego antigo também são conjugados segundo seu aspecto. Essa informação esclarece se os verbos estão sendo marcados como durativos (ou seja, encarados da perspectiva da duração de uma determinada ação) ou se, ao contrário, estão sem marcação. Caso não sejam marcados por sua duração, os verbos podem apresentar tanto um aspecto pontual (quando o que interessa é a realização da ação) quanto um aspecto resultativo (quando o que importa é o resultado obtido pela ação). Assim sendo, três são os aspectos em grego antigo: o presente (ou durativo), o aoristo (ou pontual) e o perfeito (ou resultativo).

É de se notar que a categoria aspectual não deve ser confundida com a categoria temporal, pois o grego antigo – como o português – tem três tempos: passado, presente e futuro. O passado pode ser expresso de forma durativa (com o imperfeito), pontual (com o aoristo) e resultativa (com o mais-que-perfeito). Já o presente, por outro lado, tende a ser expresso apenas em sua dimensão durativa (com o presente) e resultativa (com o perfeito), embora o aoristo eventualmente seja usado para um “presente atemporal”, típico de ditos sapienciais. O futuro também costuma se restringir a uma dimensão durativa (com o futuro) e a uma resultativa (com o futuro perfeito).

Os modos verbais em grego antigo são seis: quatro finitos (indicativo, subjuntivo, imperativo e optativo) e dois infinitos (infinitivo e particípio). Há uma semelhança considerável entre o sistema verbal de modos do português e o do grego antigo – sem se levar em conta, obviamente, os detalhes de declinação de formas verbo-nominais –, sendo que o único modo acima mencionado desconhecido de nós é o optativo. Com usos muito próximos do subjuntivo – equivalendo em geral, no português, a esse modo –, o optativo expressa uma nuance de incerteza, provocada por algum condicionamento exterior ao sujeito. Outras nuances relativas à expectativa de realização da ação, ou o temor com relação a ela, só podem ser compreendidas por meio da sintaxe, consistindo em detalhes que apenas um grau considerável de familiaridade com a língua permite compreender com clareza.

Finalmente, o verbo em grego antigo liga-se sintaticamente a seu sujeito por meio de marcas morfológicas que indicam o número (singular ou plural) e a pessoa (primeira, segunda ou terceira). Com isso, temos um breve panorama da complexidade envolvida pelo sistema verbal grego, capaz de sintetizar uma quantidade imensa de informações em seus verbos convenientemente conjugados.

Munidos desses esclarecimentos gerais, avancemos uma breve consideração sobre o interesse que pode apresentar o aprendizado de um sistema linguístico tão complexo e

econômico – da perspectiva morfossintática – para um estudante contemporâneo. Em primeiro lugar, cumpre ressaltar a importância histórica que o grego antigo teve para a constituição do vocabulário de cultura das principais línguas europeias, como o inglês, o francês, o alemão e o português. Estudar o grego antigo, mesmo em seus rudimentos, equivale a ampliar consideravelmente o domínio lexical e cultural que se tem de algumas das mais importantes e influentes línguas do mundo. Em segundo lugar, sua complexidade morfossintática faz com que o estudante contemporâneo – aprendendo-o como uma língua que não pode ser assimilada naturalmente, já que não é mais falada enquanto tal em nenhuma parte do mundo – tenha que compreender várias categorias gramaticais a fim de assimilá-lo bem. A formalização histórica de categorias gramaticais foi estabelecida em português a partir da herança gramatical antiga, remontando em última instância às gramáticas gregas (por meio das latinas). Muitos são os estudantes que só aprendem as gramáticas de suas próprias línguas maternas quando se dedicam ao estudo do grego antigo, como sugere Andrea Marcolongo (2016, p. 70). Nesse mesmo sentido, para quem se interessa por linguística, a complexidade desses sistemas flexionais mostra-se uma excelente introdução a categorias linguísticas que hão de acompanhá-lo por muitos de seus estudos comparativos e analíticos. Finalmente, e não menos importante, vale a pena

sugerir que a economia de um sistema linguístico capaz de sintetizar tantas informações em elementos tão compactos – isso para não mencionar a simetria de certas construções sintáticas e a sonoridade de certos arranjos frasais – é um fato que merece ser admirado por sua própria beleza.

Evidentemente, com esses argumentos, não estou defendendo aqui que o grego antigo deva ser estudado *em detrimento de* outras línguas. Todas elas apresentam muitos e diversificados interesses para o público contemporâneo, sejam elas antigas ou modernas, indo-europeias ou não, como: o latim, o sânscrito, o sumério, o egípcio, o tupi-guarani, o alemão o francês, o mandarim etc. Gostaria apenas de destacar alguns dos elementos do grego antigo que poderiam parecer interessantes a alguém ainda hoje, pouco importando que tais elementos não sejam apanágio seu, mas sim compartilhados também com outros idiomas.

Por se valer de um sistema flexional bastante complexo, o grego antigo desfruta de grande liberdade na disposição sintática de seus elementos e isso é usado, para diferentes propósitos, com grande eficácia por muitos de seus geniais poetas e prosadores. Que se evoquem aqui os poemas de Homero e Hesíodo mais uma vez, cujos proêmios conseguem sintetizar numa única palavra, isto é, em sua palavra de abertura, o assunto principal de que pretendem tratar: *mênin* [*fúria*], para a *Iliada*; *ándra* [*homem*], para a *Odisseia*; *mousáōn*

14. Esse mesmo trecho foi usado com proveito para a sugestão de como poesia e política – ou ainda, literatura e democracia – podem se implicar mutuamente. Cf. CLARK; SILVA, 2017.

15. Tradução minha. No original: “Oi mèn ippéōn stróton, oi dè pésdōn,/ oi dè náōn phais’ epì gān mélainan/ émmenai kálliston, égō dè kèn’ ót-/ tō tis ératai.”

16. Esse arranjo estrófico consiste em dois versos hendecassílabos (- ◡ - x - ◡ ◡ - ◡ --) e um terceiro que começa da mesma forma, mas continua com outras cinco sílabas adicionais (- ◡ ◡ - ◡). Esse último é dado como um quarto verso estrófico, tanto em edições antigas quanto em modernas, sendo

[das Musas] e *Moúsai* [Musas] para a *Teogonia* e *Trabalhos e dias*, respectivamente. A flexibilidade de dispor os elementos da oração em diferentes ordens, quase independentemente de sua função sintática, é um recurso poderoso que pode ser usado para dar ênfase, criar tensão, quebrar a expectativa, provocar o suspense.

Que se levem em conta, a título de exemplo, os versos iniciais de um fragmento de Safo (fr. 16 Voigt, trad. minha)¹⁴:

Uns, um conjunto de cavaleiros, outros, um de soldados,
outros, um de navios dizem sobre a terra negra
ser o que há de mais belo: mas eu, aquilo
que se ama.¹⁵

Sua clássica estrofe sáfica,¹⁶ com os três primeiros versos compostos segundo um mesmo arranjo métrico bem balanceado e homogêneo, traz uma representação formal do aparente consenso que faria parte de algo da ordem do conteúdo, qual seja, a consideração relativamente consensual sobre aquilo que há de mais belo (uma tropa [*stróton*], ou melhor, um conjunto, seja ele de cavaleiros, soldados ou navios). Porém, o final do terceiro hendecassílabo – e, sobretudo, o pequeno verso adônico ao fim – introduz a nota dissonante nesse arranjo totalitário, inoculando a diferença no cerne do que se pretendia uma identidade a

si, e, dessa forma, inaugura a possibilidade de manifestação da alteridade que é característica fundamental (pelo menos enquanto potência) de toda comunidade política de fato. Vale notar que esse desvio – pequeno, sem dúvida, e advindo dos menores elementos contidos nessa grande estrofe – dá a ver o que há de mais ínfimo da perspectiva pública (o *égō* [eu]) no palco das manifestações majoritárias [“*Oi men... oi de... oi de...*”] e desarticula a totalização do sistema que se pretendia equilibrado e plenamente satisfeito consigo mesmo. Gostaria de destacar, portanto, a riqueza semântica criada pela forma como Safo emprega as potencialidades morfossintáticas de sua língua. Muitos outros exemplos de algo análogo poderiam ser aqui sugeridos.

Além de Safo, também Parmênides, Píndaro, Ésquilo, Heráclito, Sófocles, Aristófanes, Isócrates e Platão são alguns dos que se valem significativamente de tais potencialidades para sugerir profundas camadas de sentido e ambiguidade. Por mais zeloso que seja o tradutor de um texto composto em grego antigo, esse tipo de efeito inevitavelmente se perde e só pode ser apreciado por quem se disponha ao estudo difícil – mas gratificante – dessa língua. E, para esses, fica a motivação daquilo que Platão anota em sua *República* (497d, trad. minha): “todas as coisas grandes são perigosas e, segundo o dito, as coisas belas são difíceis”.

A formação dos gêneros literários na Grécia Antiga

Do interior do imenso legado que a Grécia Antiga ofereceu à história do pensamento, convém destacar a formação dos principais gêneros literários – tanto em poesia, quanto em prosa – que fazem parte até hoje de nosso repertório artístico e intelectual. Postados no limiar do momento fundacional de discursos tão diversos quanto a tragédia e a filosofia, ou a historiografia e a retórica, os gregos antigos têm uma produção discursiva que pode ser considerada um verdadeiro divisor de águas na história da epistemologia ocidental.

É lugar comum entre estudiosos modernos a ideia de que a tripartição dos gêneros poéticos (entre épica, lírica e dramática) remontaria aos gregos antigos, especificamente à *República* de Platão e à sua retomada na *Poética* de Aristóteles, estando na base da poética clássica.¹⁷ A questão, contudo, é muito mais complicada do que essa vulgata pareceria indicar e vou aqui apenas esboçar essa difícil problemática.

Na linha do que estudos recentes sobre a questão dos gêneros têm indicado,¹⁸ todo discurso – no momento da enunciação – é disposto pelo enunciador a partir do que se espera de um determinado gênero. Da mesma forma, o receptor tende a interpretar esse mesmo discurso a partir da expectativa que ele tem sobre seu provável enquadramento

genérico. Embora possa existir certa coincidência entre o gênero segundo o qual o enunciador formulou seu discurso e o gênero que o receptor projeta na hora em que ele o interpreta, quando muitos séculos se interpõem nesse ato comunicacional – o que é o caso sempre que lemos qualquer um dos textos antigos – é praticamente impossível que tal coincidência de fato se verifique. A existência de tal abismo entre o que seria a “ordem do discurso” com que opera um autor antigo qualquer e o que é a “ordem do discurso” projetada por um leitor na hora de interpretar seu texto é uma das razões para a dificuldade de muitos estudos sobre os gêneros literários da Antiguidade. Em outras palavras, diacronicamente, os gêneros não têm estabilidade. Outro problema é que, mesmo sincronicamente, os gêneros não são estanques e coerentemente definidos, havendo contatos, misturas e confusões. E, como se não bastassem tais dificuldades, várias classificações teóricas posteriores tornam a questão ainda mais complexa, sugerindo a existência de outros gêneros e subgêneros: é assim que a noção de poesia “lírica”, por exemplo, só surge por volta do séc. III a.C. com os estudiosos da Biblioteca de Alexandria (RAGUSA, 2014, p. 12), enquanto a noção de poesia “didática” só é sugerida no séc. IV d.C., pela *Ars Grammatica* de Diomedes (TREVIZAM, 2014, p. 25). Assim sendo, o mais conveniente é tentar extrair dos próprios textos antigos o entendimento que seus autores tinham sobre os gêneros do

17. Tal como é afirmado por Anatol Rosenfeld (2006). Para uma crítica dessa compressão, cf. CALAME, 1998, p. 92-95.

18. As referências aqui são a Bakhtin (2016) e aos desdobramentos da teorização bakhtiniana propostos por Adam e Heidmann (2011).

discurso com que trabalhavam, partindo daí para sugerir seus desdobramentos para a tradição literária posterior.

Algo que cumpre destacar desde logo é o fato de que os gêneros discursivos na Grécia Antiga, mais do que fazer referência apenas a um conjunto de características formais internas, pauta-se também por aspectos externos, como pela função da composição, por seu modo de execução e sua ocasião de performance, inclusive no que diz respeito ao público. Tendo isso em mente, é possível partir das mais antigas representações da poesia e do poeta na tradição grega antiga, ou seja, segundo Homero e Hesíodo, para afirmar que a poesia arcaica tem uma relação profunda com o divino, sendo diretamente inspirada pelas Musas, que são as divindades responsáveis por trazer ao poeta o conhecimento verídico dos fatos. É nesse sentido que um importante estudo de Marcel Detienne tem o seguinte título: *Mestres da verdade na Grécia arcaica*. Independentemente do gênero poético de que se trata, portanto, esse é um aspecto incontornável quando se fala de poesia arcaica.¹⁹

Partindo do conteúdo e da própria forma dos poemas de Homero, é possível dizer que a poesia épica conta os feitos famosos dos homens [*kléa andrôn*] (Il. 9.189), transcorridos no passado, da perspectiva de um narrador extradiegético, que dá espaço também para o discurso direto das personagens, empregando uma série de fórmulas, epítetos, símiles e cenas

típicas, segundo uma tradição poética de improvisação oral em versos vazados em hexâmetros datílicos. Embora a matéria dos poemas de Hesíodo seja diferente – por um lado, a gênese dos deuses e a ordenação do cosmo, na *Teogonia*, por outro, a gênese da condição humana e a ordenação da labuta, em *Trabalhos e dias* –, muitas das características formais de uma “tradição hexamétrica” são compartilhadas por ambos. Parece difícil classificar Hesíodo como poeta épico *tout court* – como é o caso de Homero – e, por isso, os estudiosos tendem a compreendê-lo, ainda que de forma deliberadamente anacrônica, como poeta épico didático.²⁰

Homero menciona ainda uma série de outras modalidades poéticas diversas daquelas de que ele próprio se vale: o hino, o peã, o treno e o himeneu.²¹ O hino é um gênero bastante amplo, quase sempre relacionado ao culto de alguma divindade, podendo incluir subgêneros tão diversos quanto o peã (normalmente em honra a Apolo) e o ditirambo (originalmente em honra a Dioniso), tanto em modalidade monódica quanto coral, tendo a seguinte estrutura: um início contendo uma invocação ao deus em questão (inclusive alguns de seus epítetos cultuais), um desenvolvimento trazendo a narrativa de um ou mais de seus mitos e um encerramento com uma saudação, uma prece ou um pedido. Tal é a estrutura básica, por exemplo, dos *Hinos homéricos*.²²

19. Além do livro mencionado de Detienne, cf. BRANDÃO, 2015; KRAUSZ, 2007.

20. Um estudo sobre a poesia épica, principalmente a partir de poetas latinos, propõe um interessante panorama introdutório sobre a questão. Cf. VASCONCELLOS, 2014, p. 12.

21. Para uma discussão sobre poetas e poemas que precederiam Homero, cf. DIEHL, 1940, p. 106-14.

22. Wilson Ribeiro Jr. (2010, p. 52-53) expõe essas questões estruturais na abertura de um interessante livro bilíngue (em grego antigo e português).

O treno e o himeneu, junto a outros subgêneros, como o partênio, pertencem ao gênero mélico, ou seja, ao tipo de composição em que o poeta costuma falar *in propria persona*, numa performance pública cantada – em coro ou solo – com acompanhamento musical, sobretudo da lira. O nome que os estudiosos alexandrinos viriam a dar a esse gênero séculos mais tarde – enquanto estabeleciam que Alcman, Safo, Anacreonte e outros seriam os nove poetas canônicos do gênero – vem justamente daí: “lírica”, porque essa poesia era acompanhada pelo som da lira. De modo sucinto, o treno era uma espécie de canto coral bastante simples, entoado em contexto fúnebre, em honra a uma figura humana de destaque, enquanto o himeneu consistia num canto de júbilo, por ocasião de bodas, e o partênio, numa canção de coros de virgens, em transição à idade adulta e ao casamento.²³

Outros gêneros poéticos arcaicos incluem ainda a poesia jâmbica e a elegíaca, ambas típicas de ocasiões de banquete ou festival, tal como testemunhamos com as obras de Arquíloco e Sólon, por exemplo. O gênero jâmbico, além de se valer do jambo como pé métrico, caracteriza-se frequentemente pela invectiva pessoal e por uma forma de zombaria ritual, envolvendo obscenidades e ridicularização pública. Já o gênero elegíaco, ao contrário do que veio a significar para a tradição poética moderna, pode envolver variados temas – desde questões políticas e bélicas, como em Calino e Tirteu,

até a reflexão de caráter existencial, como em Mimnermo, e a celebração de valores e relações afetivas aristocráticas, como em Teógnis –, sempre por meio de dísticos elegíacos, em que um hexâmetro datílico é seguido por um pentâmetro também datílico.²⁴

Com a passagem gradual do período arcaico para o clássico, o advento da pólis e a consolidação de algumas de suas instituições, a palavra de saber deixa de estar restrita apenas ao poeta entendido como um “mestre da verdade”, possuidor da palavra mágico-religiosa inspirada divinamente. Essa concepção de poeta certamente se mantém em alguns meios, como é possível testemunhar, por exemplo, na figura de um Píndaro (o venerável autor dos célebres epinícios, isto é, dos cantos encomiásticos em honra aos vencedores das competições pan-helênicas).²⁵ Contudo, com o fim da hegemonia política aristocrática e o início de um processo gradual de laicização da palavra mágico-religiosa, o discurso transformou-se em diálogo, passando a definir-se como uma espécie de arena na qual diferentes visões de mundo teriam um campo para se enfrentar de maneira relativamente livre, ainda que segundo novas regras a serem determinadas. A ascensão do discurso filosófico na Jônia e das fábulas de Esopo, enquanto gêneros didáticos mais prosaicos, acontece justamente nesse momento, embora a forma como sua

23. Uma referência introdutória interessante é o livro organizado e traduzido por Giuliana Ragusa (2014).

24. Para uma introdução ampla ao tema, cf. WEST, 1974. O corpus dessa produção tem sido paulatinamente traduzido para o português, incluindo Arquíloco (CORRÊA, 2009), Sólon (SILVA, 2018), Calino (ASSUNÇÃO, 1989), Tirteu (BRUNHARA, 2012), Mimnermo (ANTUNES, 2009) e Teógnis (ONELLEY, 2009).

25. Duas traduções recentes das *Odes Olímpicas*, de 2016, e de todos os seus *Epinícios e Fragmentos*, de 2018, oferecem boas referências ao leitor brasileiro.

26. Para detalhes do processo, cf. DETIENNE, 1988, p. 45-55; VERNANT, 2002, p. 73-143. Sobre Esopo, o leitor brasileiro conta com duas edições recentes, nas traduções de Maria Celeste Dezotti, de 2013, e André Malta, de 2017.

27. Sobre a questão do surgimento do drama na Grécia Antiga, cf. SILVA, 2018.

linguagem e seus temas se articulam com a tradição arcaica indiquem muitas linhas de continuidade.²⁶

Esse é o momento – em pleno início do período clássico – em que emergem novos gêneros do discurso destinados a marcar a história da cultura mundial. Por um lado, os gêneros poéticos da tragédia e da comédia (além do drama satírico), todos eles eminentemente dramáticos e executados em festivais cívicos em homenagem ao deus Dioniso, em Atenas, consistindo na performance de atores falando em primeira pessoa, normalmente em versos jâmbicos – sem a presença de um narrador – e interpretando personagens envolvidos em narrativas mitológicas ou históricas, nas quais também se manifesta um coro, intervindo geralmente em disposições métricas e estróficas mais complexas.²⁷ Aqui nem seria preciso dizer que a tragédia tendia a temas mais sérios, enquanto a comédia e o drama satírico abordavam pequenos enredos ridículos (embora sua mensagem pudesse ser igualmente séria, como vemos no caso de muitas das comédias de Aristófanes). Por outro lado, surgem também novos gêneros do discurso em prosa, como a retórica, a historiografia e o diálogo socrático. A importância desse momento formador é tamanha que, pouco mais de um século depois, Aristóteles poderá afirmar com uma clareza cristalina o seguinte:

Também fica evidente, a partir do que foi dito, que a tarefa do poeta não é a de dizer o que de fato ocorreu, mas o que é

possível e poderia ter ocorrido segundo a verossimilhança e a necessidade. Com efeito, o historiador e o poeta diferem entre si não por descreverem os eventos em versos ou em prosa (poder-se-iam apresentar os relatos de Heródoto em versos, pois não deixariam de ser relatos históricos por se servirem ou não dos recursos da metrificacão), mas porque um se refere aos eventos que de fato ocorreram, enquanto o outro aos que poderiam ter ocorrido. Eis por que a poesia é mais filosófica e mais nobre do que a história: a poesia se refere, de preferência, ao universal; a história, ao particular. Universal é o que se apresenta a tal tipo de homem que fará ou dirá tal tipo de coisa em conformidade com a verossimilhança e a necessidade; eis ao que a poesia visa, muito embora atribua nomes a personagens. Particular é o que fez Alcibíades ou o que lhe aconteceu. (*Poética*, 1451a35-1451b10, trad. Paulo Pinheiro).

Ora, há algo próprio do discurso historiográfico que o caracteriza como tal e que é responsável por que ele seja capaz de emitir um tipo específico de verdade – não todo e qualquer tipo (como a verdade universal, que é emitida antes pela poesia; ou como a verdade lógica, que é o domínio da filosofia), mas sim a verdade particular do acontecimento. Se Aristóteles pôde se exprimir de forma tão límpida no tocante aos limites entre esses diferentes campos discursivos é porque tais limites estavam efetivamente bem distinguidos

28. A abordagem mais detida desse aspecto da obra de Platão é a de Andrea Nightingale (1995). Para outras referências, cf. SILVA, 2018, p. 285-287.

em sua época e isso só foi possível, nesses moldes, devido – em grande parte – à influência decisiva da obra de Platão.

Tal como sugerido por estudiosos da obra platônica,²⁸ o autor valeu-se de diferentes gêneros discursivos emergentes em sua época, testando as fronteiras entre os discursos cujas pretensões epistemológicas eram dotadas de aceitação social mais ampla, a fim de propor e defender um novo gênero, qual seja, o diálogo socrático. Para isso, Platão recorre inúmeras vezes aos estratagemas habituais de discursos mais tradicionais, ainda que o faça para se posicionar de modo crítico a eles. Tal é sua relação, por exemplo, com a poesia – tanto épica quanto dramática –, mas também com a retórica e a sofística.

Além disso, Platão é o primeiro autor de que temos notícia a propor uma verdadeira tipologia dos gêneros poéticos. Segundo o argumento de Sócrates na *República* (3.393b-394c), a poesia pode ser executada por meio de narração simples [*haplê diégēsis*] (como nos ditirambos), através de mimese (como nos gêneros dramáticos da tragédia e da comédia) e por meio de uma mistura de ambas [*di'amphotérōn*] (como nas epopeias, nos hinos e nos encômios, dotados tanto de partes narrativas quanto de partes miméticas). Não se trata de uma tipologia exaustiva, mas oferece um direcionamento geral acerca dos poemas que tinham mais repercussão na Atenas de Platão (no séc. IV a.C.). Suplementando essa

tipologia com as listas que se encontram no *Íon* (534c) e nas *Leis* (3.700b-d), os seguintes gêneros poéticos são mencionados pelo filósofo: hinos, encômios, ditirambos, hiporquemas, jambos, epopeias, tragédias, comédias, trenos, peãs e nómos. Ou seja, Platão aborda a maioria dos gêneros poéticos gregos já trabalhados aqui, acrescentando ainda o hiporquema (sobre o qual se sabe apenas que consistia numa dança com movimentos miméticos) e o nómos (que o próprio Platão esclarece ser uma canção acompanhada pela cítara).

As linhas gerais da tipologia platônica são retomadas por Aristóteles, na *Poética* (3.1448a), ainda que ele não se pautasse pela ideia de narração [*diégēsis*], mas sim pela ideia mais abrangente de imitação ou representação [*mímēsis*]. Contudo, a verdadeira inovação de Aristóteles com relação a Platão – em termos de gêneros do discurso –, ao menos a julgar pela forma como suas obras chegaram até os dias de hoje,²⁹ diz respeito ao próprio modo escolhido por ele para expor o conhecimento. Abrindo mão da dimensão mimética característica dos diálogos escritos por Platão (e praticados pelo próprio Aristóteles em sua juventude), o Estagirita parece ter empregado principalmente uma forma de exposição tratadística – tal como pode ter sido inaugurada pelos logógrafos jônicos e desenvolvida por Hipócrates e sua “escola” –, julgando-a mais eficaz na transmissão

29. Para reflexões sobre o estilo de escrita aristotélico, cf. NUSSBAUM, 2001, p. 391-4.

30. Nas palavras de Jean-François Lyotard (2018, p. 54): “Aristóteles sem dúvida foi um dos mais modernos isolando a descrição das regras às quais é preciso submeter os enunciados que se declaram como científicos (o *Organon*), da pesquisa de sua legitimidade num discurso sobre o Ser (a Metafísica). E mais ainda sugerindo que a linguagem científica, inclusive em sua pretensão de definir o ser do referente, não é feita senão de argumentações e de provas, isto é, de dialética.”

31. Para estudos sobre as “invenções” da poesia bucólica e do romance antigo, cf. MAGALHÃES, 2013; BRANDÃO, 2005.

32. Tal como exposto pela argumentação de Brandão (2001, p. 27).

do conhecimento filosófico.³⁰ Nesse sentido, ao julgar que a tragédia se destaca de todos os gêneros miméticos no que tange “ao exercício efetivo da arte poética” (*Poet.* 26.1462b12), é como se Aristóteles censurasse seu mestre por ter se valido de uma forma imprópria para o tipo de investigação filosófica a que se propunha.

Tudo isso e ainda não passamos do século IV a.C.! Como se não bastasse terem oferecido os exemplos práticos mais bem acabados e um excelente tratamento teórico relativo a gêneros literários tão diversos quanto a epopeia, a poesia didática, o hino (com o peã e o ditirambo, por exemplo), a poesia mélica (que viria a receber posteriormente o nome de lírica), o jambo, a elegia, a fábula, a tragédia, a comédia e o drama satírico, além da retórica, da historiografia, do diálogo socrático e do tratado filosófico, os gregos ainda desenvolveriam a poesia bucólica, com Teócrito, a tradição moralista e biográfica, com Plutarco, e o romance antigo, com Cáriton de Afrodísias, Xenofonte de Éfeso e Longo³¹ Isso para não mencionar toda a complexa “poética do hipocentauro” de Luciano de Samósata, no séc. II d.C., com reflexões que apontam sem dúvida os desenvolvimentos futuros dos conceitos modernos de literatura e ficção.³²

Contrapondo-se às fronteiras estanques de uma ordem do discurso rigidamente estabelecida, cada um dos autores gregos antigos aqui nomeados soube aproveitar-se da

oportunidade que lhe foi dada em circunstâncias contextuais específicas para propor obras complexas, profundas e questionadoras de seus próprios contemporâneos. Fundaram assim muitos dos gêneros literários que empregamos ainda hoje, seja para narrar nossos próprios mitos e nossas próprias histórias, seja para exprimir nossos sentimentos, representar nossas fabulações, investigar nosso mundo, questionar nossas verdades – em suma, para possibilitar que nos tornemos quem somos.

Conclusão

A Antiguidade grega destaca-se ao longo de nossa história, sobretudo em sua matriz ocidental, pela profundidade com que encara a importância da formação [*paideia*], pela radicalidade de sua reflexão sobre os valores humanos (excelência [*aretê*], honra [*timê*], piedade [*eusébeia*], justiça [*dikê*], hospitalidade [*xenia*], coragem [*andreia*] e astúcia [*mêtis*]), pela originalidade de suas instituições públicas (a cidade [*pólis*], a igualdade [*isonomia*], a liberdade [*eleutheria*] e a democracia [*démokratia*]), pela singularidade de sua língua (lexicalmente rica, morfológicamente complexa, sintaticamente flexível, capaz de construções simétricas e sonoras), pela inventividade de seus poetas e pensadores, responsáveis por inaugurar a maior parte dos gêneros literários que nos acompanham até hoje, tanto em nossas

criações artísticas quanto em nossas investigações científicas. É certo que a Antiguidade grega também apresenta facetas terríveis, que jamais devem ser deixadas de lado ou esquecidas: rebaixamento da mulher, exclusão do estrangeiro, emprego de mão de obra escrava, para citar apenas as mazelas mais óbvias. Ainda assim, diante da análise de tudo aquilo que o estudo da Antiguidade grega continua a oferecer hoje, por meio de sua cultura, sua língua e sua literatura, acredito estar evidente a necessidade de defendermos um aumento de sua participação em nossa educação. Isso, contudo, não deve ser proposto em detrimento do estudo das culturas, línguas e literaturas de outros povos, mas em chave complementar, suscitando o pensamento crítico por meio de ricas abordagens comparadas. É claro que resta a investigar de que forma esse aumento pode ser feito da melhor maneira em cada um dos níveis de nossa educação, mas sua pertinência hoje me parece incontornável. A opção do Renascimento Italiano, do Neoclassicismo Francês e do Primeiro Romantismo Alemão foi nessa direção e, como resultado, testemunhamos alguns dos momentos de maior efervescência intelectual de nossa história. Talvez seja a hora de nós também nos juntarmos a eles.

REFERÊNCIAS

- ADAM, Jean-Michel; HEIDMANN, Ute. **O texto literário**: Por uma abordagem interdisciplinar. Org. da trad. João Gomes da Silva Neto; coord. da trad. Maria das Graças Soares. São Paulo: Cortez, 2011.
- ADLER, Eric. **Classics, the Culture Wars, and Beyond**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2016.
- ANTUNES, Carlos Leonardo Bonturim. **Ritmo e Sonoridade na Poesia Grega Antiga**: Uma tradução comentada de 23 poemas. 2009. 136 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo. 2009.
- AREND, Walter. **Die typischen Szenen bei Homer**. Berlin: Weidmann, 1933.
- ARENDT, Hannah. **The human condition**. 2.ed. Chicago: The University of Chicago Press, 1998.
- ASSUNÇÃO, Teodoro Rennó. **Morte nas elegias de Arquíloco, Calino e Mimnermo (comentários a Arquíloco Fr. 5W e 13 W, Calino 1W e Mimnermo 1W e 2W)**. 1989. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo. 1989.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Org., trad. e posfácio Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

BAKKER, Egbert J. (Ed.). **A Companion to the Ancient Greek Language**. Malden; Oxford: Blackwell Publishing, 2010.

BRANDÃO, Jacyntho Lins. **Antiga Musa: Arqueologia da ficção**. 2. ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Relicário, 2015.

BRANDÃO, Jacyntho Lins. **Em nome da (in)diferença: O mito grego e os apologistas cristãos do segundo século**. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

BRANDÃO, Jacyntho Lins. **A invenção do romance: Narrativa e mimese no romance grego**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2005.

BRANDÃO, Jacyntho Lins. **A Poética do Hipocentauro: Literatura, sociedade e discurso ficcional em Luciano de Samósata**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

BRANDÃO, Jacyntho Lins; SARAIVA, Maria Olívia de Quadro; LAGE, Celina Figueiredo. **Helleniká: introdução ao grego antigo**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

BROWN, Peter. **The World of Late Antiquity: From Marcus Aurelius to Muhammad**. London: Thames and Hudson, 1971.

BRUNHARA, Rafael de Carvalho Matiello. **Elegia grega arcaica, ocasião de performance e tradição épica: O caso de Tirteu**.

2012. 291 f. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2012.

CALAME, Claude. **Réflexions sur les genres littéraires en Grèce archaïque**. Quaderni Urbinati di Cultura Classica, No. 17 (1974), p. 113-28.

CALAME, Claude. **La poésie lyrique grecque, un genre inexistant ?**. Littérature, n. 111 (1998), p. 87-110.

CLARK, Taís; SILVA, Rafael. **Entre literatura e democracia, uma demanda: por uma literatura democrática**. Em Tese, v. 23, n. 1 (2017), p. 67-84.

CORRÊA, Paula da Cunha. **Armas e varões: A guerra na lírica de Arquíloco**. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Unesp, 2009.

DABDAB TRABULSI, José Antonio. A democracia ateniense e nós. **e-hum Revista Científica das áreas de História, Letras, Educação e Serviço Social do Centro Universitário de Belo Horizonte**, vol. 9, n. 2 (2016), p. 8-31.

DETIENNE, Marcel. **Mestres da verdade na Grécia arcaica**. Trad. Andréa Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

DIEHL, Ernest. "... Fuerunt ante Homerum poetae". **Rheinisches Museum für Philologie**, 89 (1940), p. 81-114.

DODDS, Eric R. **The Greeks And the Irrational**. Berkeley; Los Angeles; London: University of California Press, 1951.

DuBOIS, P. **Trojan horses: saving the classics from conservatives**. New York; London: New York University Press, 2001.

ESOPO. **Esopo – fábulas completas**. Trad. Maria Celeste Dezotti. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

ESOPO. **Fábulas, seguidas de Romance de Esopo**. Bilíngue, trad. André Malta (fábulas) e Adriane da Silva Duarte (Romance de Esopo). São Paulo: Editora 34, 2017.

FINLEY, Moses. **The World of Odysseus**. Rev. ed. Berkeley: University of California, 1979.

FRÄNKEL, Hermann. **Die homerischen Gleichnisse**. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1921.

HARTOG, François. O confronto com os antigos. In: _____. **Os antigos, o passado e o presente**. Org. José Otávio Guimarães; trad. Sonia Lacerda, Marcos Veneu e José Otávio Guimarães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003, p. 113-154.

HERODOTUS. **Histories**. With an English translation by A. D. Godley. Cambridge: Harvard University Press, 1920.

HESÍODO. **Teogonia**. Trad. Christian Werner. São Paulo: Hedra, 2013.

HESÍODO. **Trabalhos e dias**. Trad. Christian Werner. São Paulo: Hedra, 2013.

HOMERO. **Ilíada**. Tradução e prefácio de Frederico Lourenço – São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.

HOMERO. **Odisseia**. Tradução de Frederico Lourenço. São Paulo: Penguin Classics; Companhia das Letras, 2011.

HÜBSCHER, B. **Werner Jaeger e o “Terceiro Humanismo”**: O ideal político antigo na Alemanha, 1914-1936. 2016. 236f. Tese (Doutorado em História Social), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2016.

JAEGER, Werner. **Paideia**: A formação do homem grego. Trad. Artur M. Parreira – 6ª. ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

KRAUSZ, Luis. **As Musas**: Poesia e Divindade na Grécia Arcaica. São Paulo: Edusp, 2007.

LORD, Albert. **The Singer of Tales**. New York: Atheneum, 1971.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. Trad. Ricardo Corrêa Barbosa. 17. ed. Rio de Janeiro: 2018.

MAGALHÃES, Alexandre Cardoso Nunes. **A Temática Pastoral em Teócrito**: Os Idílios I, III, VI, VII, XI. 2013. 94 f. Dissertação

(Mestrado em Estudos Clássicos) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2013.

MANUZIO, Aldo. **Aldo Manuzio editore**. Introd. Carlo Dionisotti. Trad. Giovanni Orlandi. Milano: Il Polifilo, 1975.

MARCOLONGO, Andrea. **La lingua geniale**: 9 ragioni per amare il greco. Bari; Roma: Editori Laterza, 2016.

NIETZSCHE, Friedrich. **A filosofia na era trágica dos gregos**. Trad. Fernando R. de Moraes Barros. São Paulo: Hedra, 2008.

NIGHTINGALE, Andrea Wilson. **Genres in dialogue**: Plato and the construct of philosophy. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

NUSSBAUM, Martha. **The Fragility of Goodness**: Luck and Ethics in Greek Tragedy and Philosophy. Revised Ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2001 [1986].

ONELLEY, Glória Braga. **A ideologia aristocrática nos Theognidea**. Niterói; Coimbra: Editora da Universidade Federal Fluminense; Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009.

PARRY, Milman. **The making of Homeric verse**: The collected papers of Milman Parry. Ed. Adam Parry. Oxford: Clarendon Press, 1971.

PÍNDARO. **Epinícios e Fragmentos**. Trad. Roosevelt Rocha. Curitiba: Kotter Editorial, 2018.

PÍNDARO. **As odes olímpicas de Píndaro**. Trad. Glória Braga Onelly; Shirley Peçanha. 1. ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2016.

PLATO. **Platonis Opera**. Ed. John Burnet. Oxford: Oxford University Press, 1903.

PLUTARCH. **Plutarch's Lives**. With an English Translation by Bernadotte Perrin. Cambridge; London: Harvard University Press; William Heinemann Ltd., 1914.

RAGON, E. **Grammaire grecque**. Paris: J. de Gigord, 2007.

RAGUSA, Giuliana (Org. e trad.). **Lira Grega**: Antologia de poesia arcaica. São Paulo: Hedra, 2014.

RIBEIRO JR., Wilson. Os Hinos Homéricos. In: ROSA, Edvanda Bonavina [et al]. **Hinos homéricos**: tradução, notas e estudo. São Paulo: Editora UNESP, 2010, p. 38-79.

ROSENFELD, Anatol. A teoria dos gêneros. In: _____. **O teatro épico**. São Paulo: Perspectiva, 2006, p. 15-36.

SCHLEGEL, August. **Doutrina da Arte**: Cursos sobre Literatura Bela e Arte. Introd., trad. e notas, Marco Aurélio Werle. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

SILVA, Rafael Guimarães Tavares da. **Arqueologias do drama**: uma arqueologia dramática. 2018. 398f + 310f (Apêndice). Dissertação (Mestrado em Estudos Literários). Programa de

Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

SMYTH, Herbert Weir. **Greek Grammar**. Rev. Gordon M. Messing. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1984.

SVENBRO, Jesper. **La parole et le marbre**: Aux origines de la poésie grecque. Lund: Studentlitteratur, 1976.

TREVIZAM, Matheus. **Poesia didática**: Virgílio, Ovídio e Lucrecio. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

VASCONCELLOS, Paulo Sérgio de. **Épica I**: Ênio e Virgílio. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

VERNANT, Jean-Pierre. **As origens do pensamento grego**. Trad. Ísis Borges B. da Fonseca. Rio de Janeiro: Difel, 2002.

VIDAL-NAQUET, Pierre. Le chasseur noir et l'origine de l'éphébie athénienne. **Annales. Économies, Sociétés, Civilisations**. 23e année, N. 5 (1968), p. 947-64.

VIDAL-NAQUET, Pierre. Retour au chasseur noir. In: **Mélanges Pierre Lévêque**. Tome 2 : Anthropologie et société. Besançon : Université de Franche-Comté, 1989, p. 387-311.

VOIGT, Eva-Maria. **Sappho et Alcaeus**. Amsterdam: Polak & Van Gennep, 1971.

WEST, Martin. **Studies in Greek Elegy and Iambus**. Berlin; New York: Walter de Gruyter, 1974.

WINCKELMANN, J. J. Gedanken über die Nachahmung der griechischen Werke in der Malerey und Bildhauerkunst. In: VOßKAMP, Wilhelm (Org.). **Theorie der Klassik**. Stuttgart: Reclam, 2009.

Recebido em: 24-04-2019.

Aceito em: 15-03-2020.